

# O Ocidente e a cultura maniqueísta: um estudo de demonização

Jonas Tenfen<sup>1</sup>

## Resumo:

Uma marca indelével da cultura ocidental é a bi-polarização, a construção de modelos maniqueístas para poder compreender a si mesmo e estender a tal compreensão ao mundo. Diante de tal premissa, é inegável que alguns modelos de dualidade se mantêm atuais, ou ao menos, muito mais utilizados que outros. Assim, a figura do diabo (rebaixamento medieval de Lúcifer, o arcanjo caído) é constantemente resgatada para explicar – metaforicamente ou não – o que é errado, feio ou, quando muito, o grupo de idéias contrárias em uma atitude conhecida comumente como demonização. Trabalharemos aqui com as idéias mais comuns de demonização e como que, quebrando como paradigma absoluto o maniqueísmo, a figura de repudia do diabo consegue funcionar sem a do seu duplo, ou seja, Deus.

## Ocidente e Maniqueísmo

Zeus tornou-se assexuado, dando assim a origem de Deus; pelo menos uma origem dentre tantas possíveis, mas não necessariamente prováveis. Além da evidente aproximação fonológica entre os nomes destas duas entidades e além das representações de cada um no senso comum (dois adultos caucasianos), nada resta que não afastamentos quase antagônicos: o primeiro instituiu um novo governo entre os deuses ao vencer o próprio pai, foi progenitor de uma grande prole e fazia sua justiça através de trovões; o segundo foi o criador de todas as coisas, teve apenas um único filho (apesar

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas – pela Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil). Atualmente é professor substituto do Departamento de Jornalismo da mesma universidade.

de ter adotado toda a humanidade) e tem cajados complicadíssimos para apascentar seu rebanho – cajados estes que são invisíveis dentro de uma categoria tratada por Divina Providência.

Deus não criou o mundo / universo como efeito colateral de uma batalha, da mesma forma que inúmeros exemplos de narrativas de cunho religioso, ou simplesmente mitológico. Este planeta (para não sermos por demais ínfimos, vamos entender planeta por toda a extensão deste plano de existência) não surgiu da decomposição de um gigante morto em batalha, da revolução estabelecendo uma nova ordem política ou da simples separação entre o bem e o mal. Deus, ou o Grande Demiurgo, criou tudo através da oratória e da escultura, usando si mesmo como modelo e censura. Alfa e ômega.

E este, porque precisava de ajuda, criou uma primeira legião de seres: os anjos. Não podemos descrevê-los, dar seu formato, pois deles temos as visões de iluminados ou a criatividade de artistas. Será mantida aqui a influência babilônica, em especial na mistura de homem e animal, que resultou nas mais recorrentes representações pictográficas dos anjos: seres alados. Sabemos teologicamente que Deus preocupou-se em criá-los porque em dado momento da cosmogonia presente em gênesis, os verbos que o grande Orador se utiliza passam do singular para o plural: Deus não estava mais só. Os anjos também foram o esboço dos dois últimos trabalhos do Sexto Dia: o homem e a mulher. A partir deste momento, deste dia específico, Deus passou a precisar de proteção.

Um desses protetores / companheiros / operários rebelou-se. O motivo, se há um único motivo, não é relevante. Lúcifer transcende qualquer motivação. Uma de suas funções, razão geradora do seu nome, o aproxima poeticamente a Apolo: ser responsável pelo dia. Rebelado, levou consigo um terço dos seus iguais na sua diáspora

(que acabou sendo convencionado por queda), desencadeando assim a possibilidade de uma batalha ausente da primeira cosmogonia. Este encontro, ao que tudo indica, ainda prossegue *sine data*.

Neste momento, suspendemos a teologia para dar espaço à história: ritmo cronológico deste mundo; talvez se inicie aqui uma tentativa de entender como esse ritmo cronológico foi trabalhado a partir da espera deste combate.

O primeiro aspecto a ser discutido é sobre o homem que compilou, traduziu e estabilizou a série de narrativas (mitológicas e históricas) que é uma das fontes incontestáveis da estética e teologia ocidental: São Jerônimo (protetor dos tradutores). O trabalho deste homem ficou conhecido por Vulgata e desta obra em latim partiu as inúmeras bíblias que hoje dispomos. Causa, no mínimo, um pouco de estranhamento pensar que a bíblia tenha um autor, um folho de Adão (portanto também de barro) que reduziu à sua lavra e à sua censura milhares e milhares de narrativas. Jamais se negou o trabalho de tradução, mas parece que a autoria é pouco discutida neste caso.

E o autor citado dividiu seu livro em dois grandes tomos: Antigo e Novo Testamento, separados a partir do evento da vinda do messias. Escritor genial – e dedicado –, São Jerônimo vai estabelecendo um esquema de referências internas que até hoje causa espanto e debates entre os teólogos. Principalmente porque os continuadores da palavra de Cristo após a crucificação tinham conhecimento dos textos antigos e forma seguidamente ressignificando-os para entendê-los. A queda de Lúcifer referido nestes termos está apenas no Novo Testamento.

Contudo, as bíblias não encerram em si todas as imagens e interpretações que são associados a ela. Mesmo se tratando de sutilezas, não há texto suficiente para dar conta de tudo que já se imaginou sobre os Textos. É como se estes livros estivessem envoltos em densas mantas formadas por narrativas não escritas; e este invólucro fosse a

parte mais consultada e revisitada. Claro que esta sobreposição serve de caminho fértil para as influências: permite o trânsito de idéias de dentro para fora e de fora para dentro do livro. Seria demais pejorativo chamar este meio de lugar-comum, podemos vê-lo como um fundo cultural que guarda muito de épocas passadas e serve de fonte para épocas futuras.

Como, por exemplo, o imaginário que este fundo cultural guardou desde a Idade Média sobre Lúcifer; imaginário este mais comum até que o próprio texto bíblico. Naqueles tempos, foi criado o alter ego de Lúcifer para poder servir de contraponto direto à Deus: o diabo (a este também foi associado inúmeras outras entidades, ressignificando assim muitas identidades, como, por exemplo, demônio). Foi uma estratégia muito eficaz para divulgar a palavra de Deus em uma sociedade de poucos letrados: quanto mais feio e vil fosse o diabo, mais belo e nobre seria Deus. E aqui o maniqueísmo ocidental ganhou força e estabilidade, tornando quase impossível que algo seja bom e mal ao mesmo tempo. Como se algumas características não pudessem ser concomitantes.

E ao processo de exclusão de algo da redução deste mesmo a errado pela aproximação com ideologias de cunho notadamente negativas que damos o nome de demonização. O termo mantém-se válido porque é anacrônico e não possui uma forma pictórica fixa (esta varia de acordo com a mais valia desejada).

Não é sem propósito que os inimigos da Igreja católica serviram sucessivamente de modelo para as representações daquilo que é mal, errado, execrável. Em uma batalha pela salvação de almas dentre outras coisas, planificavam identidades e entendiam o diferente apenas como expurgável.

Nós ouvimos a revelação de Zaratustra dizendo que Deus está morto, mas o diabo não foi convidado para a missa de corpo presente. E para a missa de sétimo dia, ninguém estava de luto fechado.

É claro que o parágrafo acima se preocupa muito mais em fazer um gracejo do que prender-se ao rigor científico e técnico, por que não dizer sério, ao tratar deste assunto. De qualquer modo, é importante que fique claro a força teológico-intelectual para o ocidente que teve a morte do Demiurgo, mas que esta mesma morte não atingiu o diabo. Um morre, mas o outro não alcança a esperada vitória.

“Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte.” Assim é definido o medo – dentre tantas outras definições de tantas outras épocas - nas páginas iniciais da obra de Jean Delumeau: *História do medo no Ocidente*. De maneira geral, o medo é sempre visto como ambíguo: paralisante ou estimulante, agente ou paciente, meio ou fim. E esse antagonismo parece sempre estar diretamente relacionado com o prospecto da morte, a caveira canhestra de capa e gadanha, rebaixamento cristão do barqueiro Caronte. Mesmo abandonando-se a idéia de que há uma pós-vida, a simples tentativa de manutenção desta já é o suficiente para ter medo.

O medo é um elemento que permitiu que as identidades nacionais fossem criadas. A idéia de proteger a “tradição, família e propriedade” é uma tentativa de continuidade. Para preparar um exército (e a população de pais e mães que fornecem os soldados) contra os invasores estrangeiros, os Estados tiveram que criar várias estratégias de atuação. Além de ser necessário lutar e matar, é preciso ser justo. Logo, o inimigo não possui os mesmos direitos, as mesmas benesses, os mesmos privilégios que um aliado: eles são execráveis e é / passa a ser um dever expurgá-los. Não possui uma

forma única, por isso é ferramenta de fácil manuseio no campo das batalhas ideológicas. Não possui dono, apenas usuários.

Muito além da necessidade de reunir definições sobre o medo, fez-se necessário uma história deste devido a sua mutabilidade durante os séculos, meses, dias. E este é mutável porque mudam os inimigos do poder vigente. E este precisa, além de atuar, justificar-se. E nenhuma estratégia tem sido mais recorrente no ocidente que a demonização. Não o medo ao demônio em si, mas àqueles que podem ser demônio.

Retornando à idéia de fundo cultural, é visível que relacionar o inimigo (não necessariamente o outro) com o diabo é uma tática que surte efeitos imediatos. Nas sucessivas reconfigurações do que é o mal, uma relação intrínseca é criada com aquilo que deve agora ser combatido. Aquilo que torna justo uma atitude não precisa ser apenas eficaz, é preciso que seja rápida.

Acima, referindo-se ao poder vigente, pode ter ficado subentendido que a demonização é uma tática apenas dos detentores de poder. Isso seria uma afirmação por demais perigosa e sem propósito, pois a pluralidade de poderes paralelos – na tentativa de se tornarem vigentes – também demonizam. Continuadores de idéias, sem muitos argumentos, também demonizam os contrários às suas idéias, quando a força física não mais é argumento o suficiente. Seriam necessárias muitas outras linhas para poder comprovar a afirmação de que educar é demonizar; afirmação esta que não faremos aqui.

E, paradoxalmente a tudo isso, a imagem do que é belo se ressignifica no momento em que é dado um novo significado ao diabo e ao medo que este pode provocar. A morte de Deus foi produtiva ao ocidente, pois no momento da demonização, estava quebrado o espelho do lado daquilo que é positivo, deixando caminho livre aos novos criadores de ideologias utilizarem-se como modelo e censura.

Não vou encerrar aqui fazendo um apelo, convidando as massas que lêem para um combate contra a demonização. Fica, então, um alerta, um pedido de atenção. Este tipo de argumento torna improdutiva a mobilidade intelectual, sem contar que relativiza a sociedade que é plural.

## Referências

ALIGHIERI, Dante. A DIVINA COMEDIA: INFERNO. 1.ed. São Paulo: Ed. 34 1998

BÍBLIA sagrada. Erechim: Edelbra, 1979.

DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

GRIMAL, Pierre. A Mitologia grega. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm,. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret, c2005. 254 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm,. O anticristo. São Paulo: Martin Claret, 2004. 112 p.